



LUX E MALÍCIA: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE AS RELAÇÕES HOMOERÓTICAS MASCULINAS NO CONTEXTO DE DUAS BOATES GLS DE BELÉM, PARÁ.¹

Ramon Pereira dos Reis ²

Universidade Federal do Pará

E-mail: rpreis18@yahoo.com.br

APONTAMENTOS INICIAIS

Oi, tudo bom? Ele curte o quê? Ele é ativo ou passivo? Ele faz o quê da vida? Nossa! Ele é tão “feminino”!³ Essas e outras perguntas / expressões têm sido uma constante em minha vida, desde o ano de 2005, período em que comecei a freqüentar algumas boates GLS⁴ (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) de Belém. Alguns dos questionamentos acima dizem respeito tanto a conversas que tive com outros rapazes quanto aos relatos de amigos e freqüentadores que chegavam a mim, dos quais eu não hesitava em ouvir.

Durante o período de 2005 até os dias atuais, minha vida social tem sido bastante efetiva nesses espaços, no sentido de eu participar, quase constantemente, de festas, paradas da diversidade sexual, mostras de filme, etc. Consequentemente a isso, meu círculo de amigos têm crescido bastante, nossas conversas são, cada vez mais,

¹ Este artigo traz resultados parciais de minha pesquisa de mestrado, na qual é orientada pela Professora Doutora Cristina Donza Cancela vinculada aos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS e Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA, tal pesquisa é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS – UFPA.

³ Essa expressão é muito utilizada pela maioria dos freqüentadores, ela tem a intenção de desvalorizar determinado sujeito por se comportar dentro da lógica heterossexista correspondente a um suposto modelo feminino (desmunhecar, andar rebolando, usar algum tipo de acessório feminino, falar muito fino, usar maquiagem, etc.), o que, a partir de análises posteriores, veremos que será um importante marcador para uma aproximação ou não.

⁴ Se a idéia norte-americana de *friendly* refere-se a espaços freqüentados predominantemente por heterossexuais, nos quais homossexuais são bem vindos, a idéia brasileira de GLS segue o caminho inverso: o S da sigla indica “simpatizante”, tendo como ponto de partida espaços freqüentados majoritariamente por homossexuais e revelando um intenção de expandir as fronteiras do “gueto”, quando propõe também abarcar consumidores que não se identificam como homossexuais, mas que de alguma forma participam desse universo (FRANÇA, 2007, p. 235).



questionadoras e instigantes, me fazendo pensar e refletir a cerca de diversas questões, das quais relatarei a seguir.

Uma delas é o fato de eu ter que estranhar o familiar,⁵ como sendo algo fundamental ao pesquisador que trabalha num lócus em que frequenta há bastante tempo, onde conhece muita gente e, de alguma forma, já consegue decifrar alguns códigos.⁶ Essa foi uma das principais lições que aprendi na antropologia. E, é a partir desse exercício de estranhamento que procuro iniciar minha investigação, dentro de um objetivo maior: compreender a dinâmica das relações homoeróticas masculinas, em dois espaços GLS da capital paraense: *Lux e Malícia* – ambas localizadas no bairro do reduto⁷ (mapa do bairro com a localização das boates – vide anexo 1).

As boates foram escolhidas: pelo fácil acesso, o intenso fluxo de homossexuais masculinos, a minha constante ida e, principalmente, por tudo aquilo que já haviam me dito sobre o fato de haverem diferenças de classe entre uma e outra,⁸ pois nas conversas

⁵ Posso estar acostumado, como já disse, com certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar, a hierarquia e a distribuição de poder permitem-me fixar, *grosso modo*, os indivíduos em categorias mais amplas. No entanto, isto não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo, posso ter um mapa, mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam (VELHO, 1978, p. 41).

⁶ O código ao qual me refiro diz respeito ao léxico gramatical dissidente utilizado pela comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), que é o *bajubá*. Dentro desta economia gramatical, Silva Filho (2010) percebe, em sua pesquisa sobre o *coming out* de jovens gays em Belém, que o *bajubá*, além de fazer uma mediação entre a identificação subjetiva e a identificação coletiva, ajudava a entender um pouco das relações de poder existentes entre LGBT's, pois as formas de apropriação e de classificação presentes neste léxico marginal são parte de uma "cosmologia", de um conjunto de significados, de um conjunto de representações, e por que não dizer, de explicações dos preconceitos e discriminações por parte de quem fala, do sujeito falante, pois mesmo que, inadvertidamente, se aproprie de nichos dessa linguagem acaba levando consigo os traços das relações de poder emanadas pelo constructo semântico (p. 1-2). Algumas palavras do *bajubá*: "nena" (defecar), "elza" (roubo), "aqué" (dinheiro).

⁷ O bairro do reduto desde a sua origem, por conta de sua função e localização, tem desempenhado um importante papel na interação entre os sujeitos, no que concerne tanto ao desenvolvimento da atividade mercantil com também do aumento do número dos estabelecimentos comerciais, fato este que fez com que a cidade de Belém pudesse crescer no sentido beira do rio – centro, alargando de tal modo a dinâmica de mercado produtor do reduto para os demais bairros (SOUSA, 2009). Atualmente, apesar de não haver uma grande quantidade de fábricas funcionando neste bairro, ele ainda guarda a tradição de ter um aspecto comercial, o que não deixa de ser estimulado, no contexto atual, pelo crescimento de lojas de roupas, shoppings, supermercados, bares e boates;

⁸ Apesar de haverem diferenças de classe (preços de entrada e bebida) e, que "excluem" certos indivíduos de frequentarem a boate malícia e não a boate lux, ou vice-versa, não podemos generalizar essa questão, pois como mostrou Marsiaj (2003) em seu estudo sobre desigualdades socioeconômicas entre os gays ricos e as bichas pobres, as considerações a respeito das diferenças de classe no universo GLS, resguardando a especificidade de cada trabalho, não devem ser exageradas, uma vez que indivíduos de classe baixa têm opções disponíveis para seu entretenimento e homosociabilidade (MARSIAJ, 2003, p.



informais, muitos me relatavam que a boate *Lux* seria um local freqüentado por “bichas pererecas” enquanto que a boate *Malícia* agregaria as “bichas finas”. Neste contexto, mencionar os termos, “fina” e “perereca”, diz respeito ao status socioeconômico dos indivíduos gays, funcionando como categoria de estratificação neste contexto. Os termos - “perereca” e “fina” - são recorrentes na fala daqueles indivíduos freqüentadores da *Lux* e da *Malícia*. Nesse sentido, são dois pólos distintos: as “bichas pererecas” seriam aquelas que estariam ligadas a uma condição social inferior: pobres, com baixo grau de escolaridade, moram em áreas periféricas, usam roupas de preço popular; por outro lado aquelas consideradas “bichas finas” seriam: de classe média, média alta, com alto grau de escolaridade, moram no centro ou em regiões próximas deste, usam roupas de marca e que são consideradas caras.

A partir dos relatos iniciais fui construindo o perfil dos sujeitos, de forma que eu pudesse mesclá-los num grau de variação sócio-cultural: negros, brancos, classe média, média alta, média baixa, velhos, novos (faixa etária), afeminados, não afeminados, entre outras palavras, a intenção era que fosse possível abarcar uma diversidade de pessoas, de bairros diferentes, que consomem produtos distintos, com grau de escolaridade variado, com comportamentos múltiplos, que estivessem em diversas fases da vida.

Pretendemos, especificamente, trabalhar com a questão dos relacionamentos homoeróticos masculinos, tendo como pistas de análise a utilização dos marcadores sociais de geração, classe, “raça” (cor da pele), performance, levando em conta a trajetória dos sujeitos, suas inserções e interações nos espaços em questão. No caso deste artigo, os marcadores de geração e performance são os que aparecem com mais ênfase, concernentes à facilitação das aproximações, ou não.

Deve-se levar em consideração que em nenhum momento pretendemos antecipar a noção analítica do leitor ao ponto de ele achar que todos os relacionamentos homoeróticos serão conduzidos pelos marcadores acima, utilizamos esses recortes⁹

141). O fato é que, se formos pensar numa lógica de mercado, daquele que pode consumir, independente de qual classe social pertença, a presença da boate Lux na geografia espacial de Belém é significativa se comparada a outras boates GLS de Belém, haveria na lux uma “política de barateamento” das entradas e das bebidas (existem promoções em que você paga R\$ 5,00 em três latinhas de cerveja), o que facilitaria para aquelas pessoas que não tem condições de ir à outra boate.

⁹ A utilização de tais marcadores opera não apenas para classificar os freqüentadores desses lugares, numa lógica de produção de sujeitos desejáveis (ou não) e de preferências de parcerias afetivo-sexuais;



pelas observações que foram feitas, no período de campo (agosto/2010 – fevereiro/2011), e que nos mostram que em alguns momentos esses marcadores se tornam presentes em maior ou menor grau e são importantes para se pensar os sujeitos e os relacionamentos que eles estabelecem, pois são constitutivos das relações.

CHEGADA, ESTADA E SAÍDA: COMPREENDENDO AS MOVIMENTAÇÕES DOS SUJEITOS

No universo em questão, chegada, estada e saída, são componentes fundamentais para o entendimento das relações homoeróticas masculinas, dentro e fora das boates. Esta etnografia não poderia, apenas, estar circunscrita na internalidade do espaço, com o descuido de perder toda a lógica relacional que é construída antes mesmo dos sujeitos chegarem à frente dos espaços mencionados anteriormente.

Apesar de serem duas boates voltadas ao público GLS, antes mesmo de entrar em alguma delas, notam-se determinadas diferenças: o **preço** (entrada, bebidas e promoções), o **comportamento das pessoas** e a **presença, ou não, de travestis e drag queens**. Dessa forma, não tive como não diferenciar os locais, a todo o momento eu escutava conversas que as diferenciavam, supervalorizavam uma em detrimento da outra,¹⁰ e, o que mais comprovava esse pensamento era o fato de que o público não era o mesmo, de alguma forma havia um sentimento de “pertença” com o espaço em si, garantindo *status*¹¹ àquele que podia frequentar e consumir os produtos da boate que era considerada mais cara (Malícia) e discriminando os que só podiam passar pela frente. O mesmo sentimento ocorria entre os frequentadores da boate tida como “desvalorizada” (Lux), não somente pela assiduidade nos finais de semana (sexta e

mas também para ordenar padrões de interação e evidenciar campos de possibilidades e de ações (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010, p. 39).

¹⁰ Neste contexto, a boate malícia seria mais bem vista em comparação à lux, posto que a primeira teria um atendimento melhor, uma variada quantidade de drinks, acomodações mais confortáveis e a segunda não possuía as características citadas anteriormente. Estas diferenciações foram trazidas à tona, em conversas informais, por aqueles que já haviam ido às duas.

¹¹ Cf. BOURDIEU, 2007.



sábado), bem como por acreditarem que ali estaria o grupo do qual deveriam fazer parte, pelo modo de se comportar, de se vestir, de falar.

Há que se levar em consideração que essas posições não são fixas, verifica-se vários momentos nos quais houve interação dos mesmos indivíduos nas duas boates, ressaltando o caráter distintivo deste processo, em outras palavras, alguns iam a Lux para o puro divertimento, para “bagaçar”¹², e, geralmente isso acontecia na metade para o fim da festa (de 04h00 as 06h00)¹³. Tanto para gays de classe média, média alta quanto para os de classe baixa começar a noite num local representado como “bagaceiro” (desmembramento do “bagaçar”) não seria valorizado, dentro de uma lógica que te garante *status* ir a uma boate e não ir à outra. Corroborando com o pensamento de Henning (2008, p. 126) [...] a categoria *bagaceirice*, também polissêmica, diria respeito, em termos gerais, a todo o comportamento, corporalidade, condição social ou presença nos espaços de sociabilidade considerados inadequados (ou moralmente reprováveis). Na maioria das vezes, escolher o lugar mais barato para se divertir significa não ter condições financeiras para consumir daquele mais caro ou ter cortesia para entrar, por outro lado escolher o lugar mais caro nem sempre quer dizer que o gay tem as mesmas condições financeiras que os demais, o que acontece é ele querer ser parecido e poder ser percebido, pelos gays, enquanto consumidor em potencial.

Especificamente sobre as relações homoeróticas, segue abaixo uma tabela explicativa:

Tabela 1 – Diferenciação das relações homoeróticas nas boates *Lux* e *Malícia*

¹² Termo êmico, muito utilizado pelos gays, o qual designa aquela pessoa que não se preocupa com o tipo de ambiente, que está pronta para toda e qualquer situação, que não tem critérios de seleção na escolha dos parceiros. Geralmente, está associado a lugares onde há muita gente e o preço é acessível a todas as classes sociais.

¹³ Resguardando a especificidade do trabalho de Marsiaj (2003) no qual ele analisa no contexto do Rio de Janeiro, as desigualdades socioeconômicas entre gays ricos e bichas pobres, dando ênfase, em algum aspecto, a certo nível de interação entre as diversas classes em vários espaços, públicos (parques, praias, etc.) ou comerciais (bares, boates, saunas, etc.), ele destaca que, por meio da prostituição, existem claras diferenças nos níveis de segurança, aceitação e glamour, o que poderia ser percebido no contexto da boate lux, visto que há muitos garotos de programa e travestis que circulam por ela e ocupam posição de destaque na busca por clientes, remontando assim a idéia da pura diversão e do não compromisso, assim como da “bagaça”.



Boate Lux	Boate Malícia
Bagaceira	Ambiente “fino”
Não há preocupação com a vestimenta	Há preocupação com a vestimenta
Há menor seleção de parceiros	Há maior seleção de parceiros
“Bichas pererecas”	“Bichas finas”
Dão muita “pinta”	Procuram manter discrição
Público mais jovem	Público mais velho

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Não analisaremos aqui o termo “esquenta”,¹⁴ muito utilizado pelos frequentadores enquanto expressão que diz respeito a um momento de aquecimento antes de se chegar à boate, mas que nem sempre é exercício comum entre os homossexuais. É uma atividade que reúne amigos e não amigos, para beber e conversar sobre os mais variados assuntos, geralmente esses “esquentas” são em locais escolhidos pelo grupo, através do uso de celulares ou das redes sociais da internet (Facebook, Orkut, Twitter, E-mail), que podem ser próximos da boate ou em um bairro distante, quase sempre em bares. Nesta preparação o indivíduo que está sóbrio pretende “esquentar o corpo”, pela ingestão de bebida alcoólica, para facilitar as aproximações e chegar à boate, “agitado”, dando a idéia de que ele não precisa estar sóbrio, pois lá não é lugar para seriedade e não deve haver preocupação com relacionamentos sérios. Mais uma vez, vale ressaltar, que nem todos os gays fazem parte desse processo de homosociabilidade por conta de condições financeiras, pois se tornaria caro ir a um destes lugares e depois se deslocar para a boate.

Ao chegarem a *Lux* ou a *Malícia*, tanto os que vieram do “esquenta” quanto os que já estavam lá antes delas abrirem, é sempre um início dos flertes, dos olhares, das conversas com amigos querendo saber quem é tal pessoa, se tem namorado, qual a festa do dia, quanto custa a entrada, coisas deste tipo. Dificilmente o homossexual chega à frente da boate e vai logo entrando sem ter uma noção prévia da festa, das pessoas, do preço, etc. A chegada seria uma pré-entrada, como numa sala de estar onde todos

¹⁴ Este termo em nenhum momento pretende ser específico da comunidade LGBT. Entende-se que tanto homossexuais quanto heterossexuais costumam participar de “esquentas” antes de entrarem nas boates.



“fazem sala” uns aos outros e conversam sobre os mais variados assuntos e como não podia deixar de acontecer: sobre os rapazes que chamam a atenção pela beleza, mas se nada interessá-los cabe pensar num outro local para diversão ou ficar no mesmo, levando em consideração que nem sempre se consegue algo na noite e nem por isso ela irá terminar porque não há homossexual interessante para ficar, transar, etc.

Trabalhamos com a ideia de que haveria um gradiente de intenções que ‘guiaria’ os homossexuais dentro das boates, ou seja, quando eu pergunto qual a intenção de determinado homossexual ao ir a *lux* ou a *malícia*, dentro de uma sequência de respostas, eles dizem: badalar com os amigos, encontrar com amigos (caso tenha saído sozinho), para diversão, por causa da música, se aparecer alguém interessante é possível que haja contato íntimo. Se não há a pretensão de ficar, geralmente, os homossexuais começam a “fritar” (dançar) com a intenção de ficarem “loucos” (bêbados).

Passando ao período de estada, este é o momento em que o homossexual, com ou sem grupo, interage com os demais, desde o momento da entrada efetiva até a saída, a facilitação das relações se dá de diversas maneiras, alguns preferem ir ao *dark room* procurar algum tipo de relação, na maioria sexual, apesar de haver ajuda do grupo de amigos para que haja algum tipo de aproximação, por exemplo, um “fica”, a maioria dos contatos mais íntimos são feitos de maneira individualizada, com a interferência ou não dos amigos, os indivíduos têm autonomia para fazerem suas escolhas. O local de maior contato físico seria a pista de dança e é onde há maior agitação, se constituindo como um espaço em que a frequência dos contatos é mais intensa: beijos, olhares, insinuações, amassos, conversas no pé do ouvido, danças a dois. No contexto de Belém, um grande número de homossexuais sai da boate antes que a festa termine, por estarem muito alcoolizados, por cansaço ou por terem conhecido alguém interessante.

A saída diz respeito ao momento de desvinculamento definitivo da boate sem que se pense em voltar, em geral isso acontece por volta de 05h00, e, não necessariamente, quer dizer um retorno para casa. Ocorrem, ainda, conversas com taxistas sobre preço de corrida, pessoas combinam, entre si, para a próxima festa, outros planejam pegar a mesma condução. Às vezes, costumam esticar, um pouco mais, em casas de amigos, ou então se direcionam a supermercados com a intenção de comerem algo. A saída é sempre um momento de descontração: é onde, por exemplo, os amigos



fofocam sobre quem estava bem ou mal vestido, quem ficou com quem, quem foi para o *dark room*, com quantos cada um ficou. No caso de algum homossexual que conheceu e achou alguém interessante, se forem ao supermercado com os amigos, algumas conversas não são feitas, pois é preciso aparentar uma pessoa séria e devem ser escondidos todos os “**podres**”,¹⁵ para o novo fica há que se manter a reputação desta, nem tudo pode ser revelado. Aqui podemos observar uma “ética da reserva e da discrição” (PAIVA, 2007b). Esta ética não se trata de uma “volta ao armário”, mas de uma economia (no sentido econômico de fazer uma reserva) da intimidade frente a uma exposição sentida como excessiva (*ibid.*, p. 32).

Ao observarmos os exercícios de chegada, estada e saída, percebemos que além de serem importantes para a compreensão do plano da movimentação dos sujeitos no universo em questão, eles nos mostram a atmosfera situacional do que poderíamos chamar de trânsito ou nomadismo homoerótico, visto que as relações homoeróticas não ficam circunscritas no âmbito interno e local de cada espaço, os homossexuais vão e voltam de um lugar para o outro em uma mesma noite, por exemplo.

“NÔMADES” EM BUSCA DE ALGUÉM IDEAL

Pensamos que não haveria um termo específico que correspondesse exatamente à gestão da intimidade dentro das boates, por entendermos que são contextos de vida diferenciados e que nem sempre estão interligados pelo mesmo motivo. O que nos leva a pensar que cada homossexual tem uma maneira diferenciada de lidar com a intimidade, com a questão dos relacionamentos homoeróticos dentro das boates.¹⁶

¹⁵ No contexto de GLS de Belém, “podre” seria falar mal de algo ou alguém (SILVA FILHO, 2010, p. 7).

¹⁶ Fazendo analogia com a frase clássica de Pollak (1986): “Não se nasce homossexual, aprende-se a sê-lo”, a questão do aprendizado da homossexualidade pode ser alargado ao campo das diferentes maneiras de lidar com a intimidade homoerótica. A carreira homossexual começa pelo reconhecimento de desejos sexuais e específicos pelo aprendizado dos lugares e dos modos de encontrar parceiros (*ibid.*, p. 58).



O dicionário Aurélio (2000) nos traz as seguintes definições da palavra nômade:

1. Diz-se das tribos ou povos que estão sempre a deslocar-se em busca de alimentos, pastagens, etc.;
2. Que leva a vida errante;
3. Pessoa nômade (p. 487).

Para a realidade analisada, a utilização do termo é de grande valia ao contexto em questão: seriam indivíduos que estariam sempre em busca de parceiros e que, de alguma forma, tanto no aspecto afetivo quanto no sexual seriam, de alguma forma, idealizados por eles, o que chamaríamos de **trânsito homoerótico**. O que, de fato, pode ser verificado tanto na *Lux* quanto no *Malícia* é o **hábito de ficar**,¹⁷ o que se torna recorrente no discurso dos frequentadores no final da festa: “E aí! Ficou com alguém essa noite?”

O exercício de trânsito ou nomadismo homoerótico não diz respeito a um possível posicionamento crítico ou subversivo por parte dos homossexuais masculinos desta pesquisa, diferente do que mostrou a filósofa e feminista Rosi Braidotti (2002).¹⁸ A esse aspecto, o regime nômade baseia-se em afetos, definidos no plano da exterioridade e não em sentimentos, definidos em termos de interioridade (ALMEIDA e TRACY, 2003, p. 43). No que concerne às relações homoeróticas masculinas, os homossexuais estariam menos dispostos a subverter posições de identidades fixas (no caso do trânsito homoerótico) e mais interessados em passar de uma boate a outra em busca de parceiros que se encaixem nos perfis para ficar, namorar ou transar. Sobre estes três termos falaremos mais adiante.

Em nenhum momento pretendemos insinuar dicotomias do tipo: ficar ou namorar? Nossa intenção é propor uma *etnografia da intimidade*,¹⁹ dizendo respeito ao

¹⁷ O “fica”, neste contexto, não gera uma obrigação de estabelecer um relacionamento de duração prolongada (um mês, dois meses, um ano, etc.), geralmente os homossexuais “ficam” entre eles somente no momento que estão dentro da boate, alguns “ficas” podem extrapolar o universo destas, se prolongando por no máximo uma ou duas semanas. O “fica” é uma espécie de análise de um futuro namorado em potencial, durante os encontros a dois ou juntos de amigos o casal de “ficas” analisa um ao outro e verifica os defeitos, as qualidades, as afinidades, e, ainda, o que @s amig@s acham da relação.

¹⁸ [...] O nomadismo refere-se ao tipo de consciência crítica que resiste a se ajustar aos modos de pensamento e comportamento codificados. É a subversão do conjunto de convenções que define o estado nômade, não o ato literal de viajar. Mas outras figurações vêm-me à mente, e não apenas as clássicas, como ciganos e os judeus errantes (BRAIDOTTI, 2002, p. 13)

¹⁹ A idéia de etnografia da intimidade diz respeito a uma circunscrição a margem de luz e de palavra que desenha o território no qual se articulam as parcerias homoeróticas, seus regimes de visibilidade e que possibilidades de enunciação vemo-nos na tarefa de fazer a etnografia do ethos íntimo naquelas ligações afetivo-sexuais. Que tipo de economia de silêncio e palavra coordenam os afetos? Quais as possibilidades de expressão, de rostidade, socialmente disponíveis para esse tipo específico de amor e de estar juntos?

íntimo das parcerias homoeróticas, como uma antropologia do olhar, das insinuações, do chegar perto, de tudo àquilo que possa indicar um comportamento de aproximação.

A idéia de “micro-políticas homoeróticas” (PAIVA, 2007a, 2007b) diz muito do que queremos enfatizar neste tópico, no sentido de trazer a tona não somente os agenciamentos micro-políticos dos sujeitos, bem como as relações que estabelecem com o mundo a sua volta (interações com @ outr@, com as boates e com as questões, por exemplo, da homossexualidade / homoeroticidade.).

Tal como no estudo da antropóloga Carmem Dora Guimarães (2004) na década de 70, no qual ela percebeu que haveria padrões de comportamento nas boates: a regra da boate é não dançar “agarrado” (mesmo os pares dançam separadamente) e não permitir “transação” de sexo ou demonstrações de afeto no local (p. 83). No contexto belemense, na pista de dança, a maioria das pessoas não dançam “agarradas”, mas quem procura sexo pode encontrar ao se deslocar para o *dark room*, no que concerne às demonstrações de afeto, isso diz respeito à vontade do frequentador e do parceiro, aqui não há proibição ou punição para que atitudes afetuosas aconteçam.

Partindo da idéia acima, de uma possível regra comportamental dos indivíduos dentro das boates, existem semelhanças quando há certo interesse afetivo e / ou sexual, haveria uma padronização de gays pensados como mais interessantes para quem quer sexo, namoro, ou fica. Em um dado período, esses lugares funcionariam como laboratórios de experimentação da sexualidade (PAIVA, 2007b, p. 38).

Expondo o pensamento da maioria, mas sem a intenção de generalizações, um gay interessante para sexo: no caso dos “passivos” seriam aqueles que possuem pênis grande e que são viris; para os “ativos”: seriam os afeminados, que se deixariam dominar e serem penetrados. Para ficar: os que mais se destacam são aqueles que não são afeminados, não usam roupas e acessórios femininos, são jovens, não são considerados feios, possuem tipo físico “em forma” ou “sarado”.

Há quem diga que não se pode encontrar um namorado em uma boate, mas no discurso de algumas pessoas a figura do namorado, sem querer, veio à tona, dessa

Como alojar essas parcerias nos regimes de luz e palavra destinados a codificar nossas experiências de *convivência, amor e erotismo?* (PAIVA, 2007a, p. 85).



forma, para namorar: teriam que ser pessoas que sejam independentes financeiramente, que possuam estabilidade familiar e profissional, não sendo preponderantes critérios de beleza. Mas, no caso dos namoros, o que se pode perceber é que, geralmente, as faixas etárias são semelhantes e quando há diferenças elas não são tão evidentes, por exemplo, 22-24 anos, 27-30 anos, nesse sentido, diferentemente dos homens heterossexuais de cabelos grisalhos e com rugas que comporia um padrão estético de caráter e sucesso, no meio feminino; no caso do público homossexual, aqueles homossexuais mais velhos que não tenham sucesso profissional e que não possuam atributos físicos, como um corpo sarado e uma aparência jovial (os ditos “coroas enxutas”), por exemplo, seriam considerados repulsivos (SIMÕES, 2004, p. 418). Vemos que a noção do que é interessante passa por um campo de relativização, daquilo que é atraente para mim e que pode não ser para o outro, e vice-versa.

A boate enquanto um espaço que aglutina um grande número de homossexuais masculinos pode ao mesmo tempo ser algo que afastaria os mesmo homossexuais quando se sentem “casados”. Como apontou Paiva (2007a, 2007b), a lógica dos “casados” não seria equivalente àquela das boates, por serem lugares para quem está solteiro. Não queremos dizer que as boates sejam os lugares onde não é possível encontrar um relacionamento sério, o que ratifica o pensamento acima é que, geralmente, quem as frequênta são pessoas solteiras e, por conta disso há um trânsito homoerótico intenso, posicionando a imagem da homossexualidade masculina dentro de um mercado de intercâmbios sexuais onde há apenas “trocas de orgasmo por orgasmo” (POLLAK, 1986, p. 59).

Outro ponto fundamental e que gera bastante discussão é o caráter performativo do gênero,²⁰ nesse caso dos homossexuais masculinos, enquanto indivíduos que performatizariam seu comportamento a partir do que é conveniente para si, o que muitas vezes dificultaria a aproximação, pois para os frequêntadores é preciso que se delimite

²⁰ Parto da perspectiva analítica de Judith Butler (1998), a qual nos mostra, a partir dos estudos feministas, por exemplo de Joan Scott, que dizia que o gênero é uma categoria social, nesse sentido, Butler procura problematizar a discussão dizendo que o que temos como gênero na atualidade, nada mais é do que uma identidade debilmente constituída pelo tempo e que, para nós hoje ela é instituída através de atos internamente descontínuos, dentro de uma lógica performativa que desvincula o sexo do gênero, ou seja, o fato de um indivíduo ter nascido com um pênis não significa que ele trará em seu arcabouço corpóreo características, “únicas” e “exclusivas”, do gênero masculino.



posições, que não haja dúvida com relação à identidade, como na fala deles: “ou você é homem ou você é mulher”. Para, além disso, pensando que as aproximações homoeróticas se dariam num grau de maior ou menor interesse, aqueles homossexuais que aparentam ser mais viris e menos espalhafatosos chamariam mais a atenção (são mais atraentes para um relacionamento homoerótico) e, conseqüentemente seriam mais interessantes em contraposição aos afeminados, que não despertariam tanto interesse e tampouco desejo.

Simões, França e Macedo (2010), em um estudo realizado em espaços de sociabilidade juvenil reconhecidos como homo e heterossexuais na região do centro histórico da cidade de São Paulo, dando ênfase à Avenida Vieira de Carvalho por ser um espaço onde há constante fluxo de gays, observaram que

[...] os tipos que parecem mais masculinos, mais discretos e menos espalhafatosos tendem a ser os mais desejados. Assim, é possível observar uma contenção dos rapazes de *performance* mais feminina quando se engajam efetivamente na paquera e no esforço de atrair alguém que lhes tenha despertado interesse ou lhes dirija a atenção (SIMÕES; FRANÇA e MACEDO, 2010, p. 53).

Ao que parece tanto na pesquisa acima quanto nesta, o caráter visibilidade/invisibilidade (PAIVA, 2007a, 2007b) é significativo quando analisamos o posicionamento dos sujeitos afeminados, por exemplo, quando performatizam a identidade de gênero a partir da positivação do comportamento dada pelo outro, ou seja, para que possa haver uma aproximação de um gay “masculino” com outro “feminino” é preciso que o “feminino” camufle/esconda este posicionamento e “atue” de forma masculina para que ambos estejam equiparados e o grupo de amigos não “gongue-os”.²¹

A categoria analítica do “armário” proposta por Sedgwick (2007) nos traz um apontamento interessante sobre a questão da visibilidade/invisibilidade performática na constituição de relacionamentos homoeróticos. O “armário” funciona como um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas, mas não só destes. Enquanto característica que está associada tanto às relações individuais quanto sociais, o armário aparece em diversos momentos da vida de pessoas gays, por meio de vontades,

²¹ “Gongue-os” da derivação de “gongar”, é um termo êmico que significa ridicularizar ou caçoar de alguém. (SIMÕES; FRANÇA e MACEDO, nota de rodapé 23, 2010, p. 53).



interesses e pressões sociais, no caso dos relacionamentos homoeróticos esta categoria nos leva a pensar que dentro do universo da boate GLS as relações homoeróticas podem ser facilitadas ou dificultadas pela forma de visibilização das identidades de gênero, isto é, os indivíduos em curtos períodos de tempo movimentariam “saídas ou não saídas dos mais diversos armários”, corporificando suas relações não apenas por interesses individuais e do outro, bem como para afirmação de identidades de gênero com relação ao grupo.

Apesar de Sedgwick não deter suas análises aos espaços GLS, estendendo a categoria do armário em relação às demais formas de sociabilidade, heterossexual e homossexual, quando voltamos nosso olhar à realidade local fica nítido como o fato de sair, ou não, do armário articula as mais variadas relações, seja de parceria homoerótica ou homoafetiva. Seja no âmbito individual ou coletivo, dentro ou no entorno das boates, a questão da publicização de uma identidade homossexual masculina requer certa coragem interna do sujeito, que não está ligada a obrigação discursiva de que tod@s saibam sobre a sua orientação sexual.

O caráter visível/invisível, por vezes, agencia as posições dos sujeitos dependendo da boate em que direcionamos nosso olhar, ressaltando que tanto na *lux* quanto na *malícia* as performances masculinas e femininas são acionadas para atrair ou recusar possíveis pretendentes

A POSTERIORI

Levando em consideração que este artigo traz resultados preliminares sobre a investigação das relações homoeróticas masculinas nas boates *lux* e *malícia*, questões como o aparecimento dos marcadores sociais da diferença aparecem em maior ou menor grau, em alguns momentos mais acentuados em outros não, são de fundamental importância ao entendimento destas relações. A questão da performance e da geração ainda continuam sendo preponderantes e, isso eu pude perceber desde os primeiros momentos quando comecei a frequentar tais espaços, quando eu ou meus amigos eram recusados ou aceitos por conta da idade ou da performance.



Por vezes a questão da classe social aparece, seja individualmente ou com relação à entrada em determinados grupos de homossexuais, como um dos critérios para a escolha dos parceiros leva em consideração o aval dos amigos, muitos deles dão ênfase ao poder de consumo de determinada pessoa.

Vale ressaltar que, em uma análise que leva em conta o gradiente de intenções, estamos lidando com vontades individuais e que nem sempre os homossexuais masculinos têm a intenção de encontrar parceiros, seja para ficar, namorar ou transar. Geralmente, quando saem sozinhos, estarão mais propensos a que aconteçam aproximações, diferente de quando estão acompanhados por amigos.

Ao longo desta etnografia compreende-se que dentro das relações que são estabelecidas nas boates, elas estariam permeadas por uma atmosfera de regras simbólicas de comportamento: dançar solto; não é lugar para encontrar namorado; não ser “maricona” porque isso afasta os olhares, etc. Visibilidade e invisibilidade seriam acionadas a partir de uma conveniência individual ou pela positivação e/ou negativação do grupo.

Portanto, *Lux e Malícia* apesar de estarem voltadas ao público GLS, nas relações que se formam são reafirmadas lógicas de inclusão / exclusão; visibilidade / invisibilidade. A articulação delas, no espaço do bairro do reduto e da capital paraense, ratifica a situação de oposição entre “bichas finas” e ‘bichas pererecas”, agregando-as e rejeitando-as respectivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003;

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 6ª Ed. 2007. – (Coleção estudos; 20 / dirigida por J. Guinsburg);

BRAIDOTTI, Rosi. **Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômade**. In: **Labrys, Estudos Feministas** (revista virtual <<http://www.unb.br/ih/his/gefem>>). Trad. Roberta Barbosa. N. 1-2, jul. / dez. 2002;



BUTLER, Judith. **Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista.** In: **Debate Feminista**, México, v. 18, p. 296-314, oct. 1998. Disponível em: <<http://caosmosis.acracia.net/wp-content/uploads/2008/07/judith-butler-actos-performativos-y-constitucion-de-genero.pdf>>, Acesso em 10 de agosto de 2010;

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini-Aurélio – O minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 487;

FRANÇA, Isadora Lins. **Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo.** In: **Cadernos Pagu** (28), Campinas, São Paulo, janeiro-junho de 2007, p. 227-255;

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004;

HENNING, Carlos Eduardo. **As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2008;

MARSIAJ, Juan P. Pereira. **Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil.** In: **Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas:** Campinas, Unicamp / IFCH / AEL, v. 10, nº 18/19, 2003, p. 133-145;

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. **Reservados e invisíveis - o *ethos* íntimo das parcerias homoeróticas.** Fortaleza: Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes Editores, 2007a;

_____. **Reserva e invisibilidade: A construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica.** In: GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, Ana Paula; MELLO, Luiz (Orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis,** Rio de Janeiro: Garamond, p. 23-46, 2007b;

POLLAK, Michael. **Homossexualidade masculina ou: a felicidade do gueto?** In: ARIËS, Philippe e BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades Ocidentais – Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade,** São Paulo: Brasiliense, 1986;

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário.** In: **Cadernos Pagu** (28), Campinas, São Paulo, janeiro-junho de 2007, p. 19-54;

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. **De *bajubá* em *bajubá*, onde será que vai dar? Apropriações, classificações e relações de poder em Belém-PA.** In: **Anais**



eletrônicos do II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte, GT-6 – Identidades, Sexualidades e Corporalidades: contextos tradicionais, fronteiras e deslocamentos, 13 a 15 de setembro de 2010 – Belém-PA; Disponível em: <<http://www.sbsnorte2010.ufpa.br/site/anais/ARQUIVOS/GT6-75-30-20100831235143.pdf>>, acesso em 10 de fevereiro de 2011;

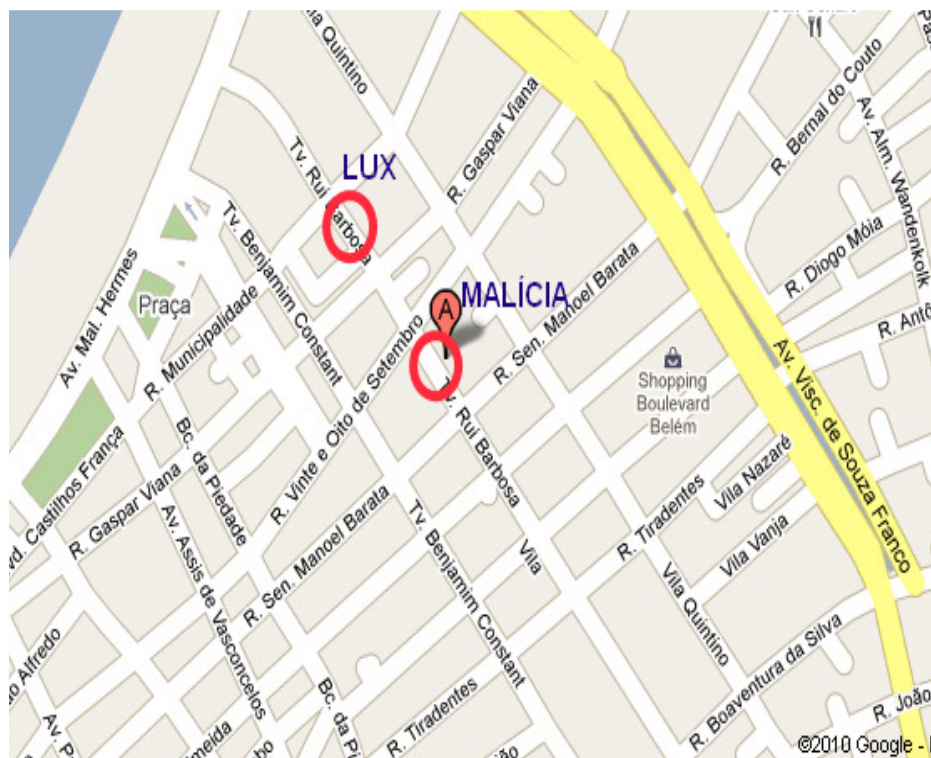
SIMÕES, Júlio Assis. **Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais**. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Orgs.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**, Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 415-447;

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. **Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo**. In: **Cadernos Pagu (35)**, Campinas, São Paulo, julho-dezembro de 2010, p. 37-78;

SOUSA, Rosana de Fátima Padilha de. **Reduto de São José: história e memória de um bairro operário (1920-1940)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009;

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 36-46;

ANEXO I – MAPA DO BAIRRO DO REDUTO COM A LOCALIZAÇÃO DAS BOATES



Fonte: <<http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl>>, 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

APÊNDICE A – IMAGENS DAS BOATES LUX E MALÍCIA



Foto: Ramon Reis, 2010.



Foto: Ramon Reis, 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

19



Foto: Ramon Reis, 2010



Foto: Ramon Reis, 2010.